

# Epistemologia da Gestalt Terapia

Ari Rehfeld

VII Congresso Internacional de Gestalt - Out/00 – RJ  
Mesa Redonda : "Epistemologia da Gestalt Terapia" Ari Rehfeld

*com:*

Margherita Spagnuolo Lobb – Itália  
Michael Vincent Miller - EUA  
Walter Ferreira Rosa Ribeiro – Brasil  
Alberto Pereira Lima - Brasil  
Virgínia Suassuna - Brasil

Como entendo a princípio minha tarefa hoje, aqui. Refletir filosoficamente acerca da validade do nosso conhecimento. Eis 2 vertentes:

- 1) Validade fundamentada nas relações mútuas dos conteúdos do pensamento. Em outras palavras, validade fundamentada no relacionamento entre conceitos, juízos e concepções deste pensamento.  
Também, e principalmente: validade de ditos conteúdos relativamente ao objeto. Posto de outro modo, proximidade ou distância da fala (teoria) em relação ao que se refere. No caso, por tratar-se também de uma prática, não somente a fala, como também, a técnica, metodologia e atitude.
- 2) Refletir sobre validade significa necessariamente estarmos nos referindo a limites deste nosso conhecimento. Aliás, não é possível demarcar um conhecimento sem clarearmos seus limites. (tarefa ingrata)  
É claro que esta tarefa é muito maior do que em 20 minutos pode-se abarcar – portanto trago somente indicadores nos quais podemos nos aprofundar em eventuais futuros trabalhos. Mas são pistas que podem, se reconhecidas, nortear caminhos.

**Foco para técnica:** ( sentido restrito do termo)  
tradicionais

- 1) De alto impacto: elicia fortes respostas emocionais. (mais no passado, menos no presente) - diferenças culturais  
Problema : sem medida de seus efeitos a longo prazo. Não conheço nenhuma pesquisa a este respeito.
- 2) Por demais socializadas.  
Se na origem GT, mas hoje utilizadas em diferentes abordagens, então não demarcatória – não distinguem.
- 3) Disputa de paternidade :

Novamente, não há demarcação não distinção	GT Psicodrama Teatro
--	----------------------------

(Etc...)

**4) Variedade muito grande.**

Diferentes técnicas resultam em diferentes atitudes, envolvendo diferentes concepções de psicoterapia e de homem.

**5) Consenso de que se pode ser GT sem utilizar várias, ou todas elas.**

A idéia de experimento é realmente inovadora, não enquanto concepção, mas enquanto prática.

Diferente da técnica = objeto intermediário na relação para conduzir o cliente aonde o terapeuta já se encontra.

O experimento - os 2 juntos em direção ao novo.

O que as diferenciam é fundamentalmente a atitude:

Técnica: em direção já conhecido - passado

- Muito poder. Um pré-determina onde o outro deve ir.
- Caráter utilitário – uso ( objetificação)
- Facilmente abuso de poder
- Pré-potência do terapeuta (indica o que deve)
- frequentemente uniformiza – padroniza seus pacientes.
- TERAPEUTA LEVA, DIRIGE O PACIENTE.

Experimento: juntos - ao novo: futuro

- Não há um deve.
- Não há um ponto de chegada pré-determinado pelo terapeuta – muitas vezes não questionado em sua plenitude.
- O que move é o novo, o mistério, o desconhecido.
- PACIENTE LEVA, DIRIGE O TERAPEUTA.- TERAPEUTA CUIDA

**Foco para metodologia: (caminho)**

Pilar mais forte da GT .

Apoia-se em 3 princípios fundamentais:

Níveis de aprofundamento

1. Presentificação
2. Ampliação de consciência
3. Compreensão

Fundamentos fenomenológicos essenciais. A Gestalt terapia, a meu ver, transita muito bem no 1o e no 2o mas resvala no 3o. Porque?

### **HISTÓRIA DA AGULHA**

A GT usualmente tem feito isto

Procura sair de casa para procurar o que tem lá dentro! Procura fora porque dentro está escuro?

Vai em direção a abordagens não fenomenológicas para buscar fundamento !

Este é o câncer da GT. Se não bem tratado, mata.

Busca fora porque sofre em sua identidade.

No fundo acredita que aquilo que está fora é melhor do que o que está dentro.

O que falta, não deve ser importado de fora, pois vem com os vírus de outras concepções de homem, de outras finalidades terapêuticas e de teorias antagônicas.

O que falta deve ser construído aqui dentro, coerente aos nossos fundamentos .

### **Foco para teoria:**

Já estávamos em foco na teoria. Buscar fora de casa, importar teorias ao invés de construí-las, já acontece no domínio da teoria.

- Na teoria temos o alicerce mais fraco:
- Colcha de retalhos sem distinção de amplitude e composição de cada uma (teorias)
- Conceitos emprestados
- Mistura de outras abordagens com concepções diferentes de homem – sem coerência;
- Incha em muitas direções, sem nitidez demarcatória

Não tem sido fenomenológico em vários aspectos apesar de sua intenção e também, apesar de nomear-se como tal.

Conceitos como

Teoria de campo	Psicanálise	São naturalistas, metafísicas. A fenô-existencial mostra sua distância do real e sua ingenuidade ao não se dar conta disso.
Organismo	Interno / externo	
Meio	Retroflexão	
	Projeção, etc..	

### **Pré-juízos ao importar o viés naturalista:**

- Quando explica utiliza-se de um tempo linear que não é o tempo da vivência humana.

- Mecanismos causais – relações causais
- Restrição do humano via gráficos, esquemas, curvas
- Não distingue o homem como um todo – atitude fenô – de o todo do homem. (ingenuidade metafísica)
- Possui um ideal; idealização de homem, saúde, etc... (criativo, espontâneo, sem cristalizações, etc..)

### **Foco para filosofia:**

Se fenomenológica, então é fundamental relacionar-se com o fenômeno propriamente dito.

Mas... cuidado ! Fenômeno não é somente o que aparece, mas o que se mostra no que aparece.

Esta diferença é fundamental.

O 1º restringe-se na aparência. O 2º busca o sentido e os significados. Na Gestalt terapia não há uma clara distinção entre o âmbito existencial e o psicológico, ou seja, entre o sentido (tempo) e a significação da vivência (valor).

A transladação pura e simples de constructos filosóficos para uma prática imediata

**NÃO É POSSÍVEL** . exemplo: Não existe e não é possível a redução fenomenológica, a epoque , a variação eidética na prática psicoterápica.

Relação psicoterápica não é encontro EU e TU.

### **Foco para concepção de homem:**

Se existencial, então faz-se necessário diferenciar quais dos diferentes filósofos existencialistas – muitas diferenças entre Buber, Heidegger, Merleau-Ponty, Sartre ou Levinas.

Quais as convergências.

Quais as divergências.

O que pode ser utilizado para fundamentar de modo coerente nossa prática?

Há de se tomar a decisão de qual ou quais, de que modo, com que composição.

Se tudo pode, nada é demarcado.

A abordagem gestáltica nasceu em contraposição a um “establishment” autoritário. Aí podia se constituir como alternativa à ordem autoritária vigente.

Hoje a GT é mais um elemento de consumo em uma enorme prateleira, com muitas dezenas de alternativas pouco consistentes.

Se não construirmos uma GT com uma identidade clara, nítida e fundamentada, creio que ela vai ser descartada - em termos históricos - como alguém descarta um copo plástico de café.